



Correlação entre as Colônias Piedade e Santa Isabel

William Wollinger Brenuvida¹

Resumo

Este artigo é apresentado ao Projeto *“Páginas da Colonização: estudos/subsídios históricos sobre a Colônia Santa Isabel”*, que hoje compreende a população dos municípios catarinenses de Águas Mornas, Rancho Queimado, e parte dos municípios de Angelina e São Pedro de Alcântara, e se insere no contexto da fundação da Colônia Santa Isabel, em seus 175 anos (1847-2022), abordando uma possível correlação entre a antiga Armação Grande das Baleias ou Armação da Piedade, que transformada em Colônia Piedade em 1847, se tornaria, no século XX, o município de Ganchos (atualmente, Governador Celso Ramos). A Colônia Piedade, com 150 imigrantes, provenientes da Renânia-Palatinado, na atual Alemanha, com os mesmos 175 anos de fundação atribuídos a Colônia Santa Isabel conviveu com problemas administrativos e com a ausência de uma política agrícola. A Colônia Piedade é inserida no contexto socioeconômico da imigração germânica em Santa Catarina. São mobilizados temas em Genealogia Documental.

Antecedentes históricos

Constituída nos escombros da Armação Grande das Baleias, ou Armação de Nossa Senhora da Piedade, doravante, Armação da Piedade, demolida em 1847² por falta de

¹ Doutorando e Mestre em Ciência da Linguagem, é bacharel e especialista em Direito. Graduado em Comunicação Social. Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, e do Instituto de Genealogia de Santa Catarina. Reside em Governador Celso Ramos/SC. Contato: acangatu@gmail.com

² Myriam Ellis, em *“A baleia no Brasil Colonial”*, menciona que a Armação da Piedade encerra suas atividades em 1847, com a fundação da Colônia Piedade. Há também o Aviso da Secretaria de Estado dos Negócios do Império, de 10 de abril de 1847.

tituíssem sem escravos empregados nos trabalhos ainda mesmo o jornal e novamente ordena que três escravos sejam excluídos das referidas colônias e os que por ventura forem nelas encontrados, seja for o serviço em que se empreguem os respectivos administradores os farão remeter presos à cadeia da capital. Palácio de Governo de Santa Catarina em 30 de outubro de 1848 – Antero José Ferreira de Brito. Arquivo da Presidência Livro 9º de Registro folha 81v e 82. (SILVA, 2007, p. 449).

Estes germânicos que vão ocupar a Colônia Piedade, especialmente entre o período mencionado pelos documentos consultados, sequer tinham compreensão e entendi-



Fig. 2: Igreja de Nossa Senhora da Piedade, na antiga armação e colônia Piedade, 2005. (Acervo do autor).

mento da importância socioeconômica, cultural e política, e histórica da Armação da Piedade. De acordo com a documentação e bibliografia consultada, os galpões que alojaram os soldados ao tempo da Armação Grande das Baleias foram todos demolidos para receber os colonos germânicos, em 1847. A igreja, construída a partir de 1738, serviu de amparo aos colonos, que nela se abrigaram até que os lotes destinados a cada imigrante tivessem, pelo menos, um casebre de taipa ou madeira, para garantir a existência dos colonos.

De acordo com o Relatório da Repartição do Império apresentado à Assembleia Geral Legislativa, na 4ª sessão, da 7ª legislatura, pelo Ministro e Secretário de Estado Visconde de Macaé, não apenas foi solicitada a restauração da imagem de Nossa Senhora da Piedade, bem como a conservação da igreja que abrigou os colonos nos primeiros tempos antes da construção das casas dos colonos nos respectivos lotes⁶.

Edificada a partir de 1742, a Armação da Piedade, em um ancestral território indígena, ocupado há mais de 5 mil anos por povos caçadores-coletores (GÜTTLER, 2017), muito embora em sua nota histórica, Manoel Joaquim de Almeida Coelho afirme que esta prática já ocorria em Terra Firme, desde 1716, pelo contratador Thomé Gomes Moreira com mais sete negociantes, para a caça da baleia⁷. A localidade faz parte de uma memória

⁶ Conforme Relatório Imperial de 1847/48. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/720968/per720968_1847_00001.pdf>. Acesso em: 10 set. 2021, e “Fala do Presidente da Provincia de Santa Catharina à Assembleia Legislativa Provincial de Santa Catarina”, publicada em 1849, e que pode ser consultada no acervo do Arquivo da Biblioteca Nacional por meio do link: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=335037&pesq=%22armacao%20da%20piedade%22&pasta=ano%20184&hf=memoria.bn.br&pagfis=369>>. Acesso em: 10 set. 2022.

⁷ Manoel Joaquim de Almeida Coelho afirma que a caça baleeira em Santa Catarina tem início em 1716 com base em Monsenhor Pizarro, e uma memória (M.S.) anônima que ele reputa como verdadeira. Monsenhor Pizarro é o

indígena, Macro-Jê e Tupi-guarani, num território Guarani conhecido pelo nome Guaporanga⁸, e de suas duas extintas aldeias ainda no período colonial⁹: Piracoara e Rerytiba (BOND, 2005, p. 42), e que o povo, desde sempre escolheu pelo nome de Ganchos¹⁰.

A Armação de Nossa Senhora da Piedade foi erigida após a criação da Capitania de Santa Catarina, desvinculada da Capitania de São Vicente, em 11 de agosto de 1738, por ordem de Dom João III. Foi no governo do Brigadeiro Silva Paes, a partir de 7 de março de 1739, que se definiu a ocupação do lugar. O sítio que recebeu os colonos germânicos



Fig. 3: Maquete construída a partir da planta de 1829, por Conny Baumgart. Exposta no Museu Cruz e Sousa, Florianópolis. (Acervo do autor).

em 1847, era habitado, pelo menos um século e meio antes por portugueses continentais miscigenados a indígenas provenientes de São Vicente, Cananeia e São Francisco do Sul, além de indígenas do litoral catarinense e africanos escravizados. O maior e mais importante empreendimento da Coroa Portuguesa no Brasil Meridional, e que despachava o óleo e as barbatanas da baleia para portos europeus e americanos (SILVA, 1992).

Em 1742, havia diversos estabelecimentos na Armação: a Casa Grande do Administrador; a casa dos baleeiros; as senzalas e os tanques; e os armazéns, a capela consagrada a Nossa Senhora da Piedade e a bica da carioca. As instalações construídas numa área de 5.327 m² faziam daquela Armação a segunda mais importante do Brasil Colônia (SILVA, 1992). O termo *armação* está associado à pescaria: “De armar pesca, armas às baleias, ou seja, equipar-se para a pescaria, para a pesca das baleias, decorre a expressão *Armação*

título eclesiástico do historiador, eclesiástico e político, nascido e falecido no Rio de Janeiro, José de Souza Azevedo e Araújo Pizarro (12.10.1753 – 14.05.1830).

⁸ GUAPORANGA (*Myrcia strigipes*), em Tupi-guarani, significa “árvore bonita”. Popularmente conhecida como *jabuticaba de cacho ou vapurunga*, tem ocorrência da Bahia até Santa Catarina.

⁹ Afirma Darcy Ribeiro, em “O povo brasileiro” que, “[...] os bandeirantes paulistas tenham vendido mais de 300 mil índios aos senhores de engenho do Nordeste.

¹⁰ GANCHOS é o nome de uma antiga colônia de pesca citada por Arcipreste Paiva em 1868 no Dicionário topográfico, histórico e estatístico de Santa Catarina. O nome consta em 1776 em um mapa português que menciona a esquadra portuguesa e inglesa do Almirante Robert MacDouall (1730-1816) que serviu à Marinha da Inglaterra de 1759 até 1816, ancorada nas proximidades da Fortaleza de Santa Cruz do Anhatomirim, sede da capitania de Santa Catarina por quase uma década. Fato, aliás, que faz de Ganchos a primeira capital catarinense. Emancipado em 6 de novembro de 1963, com o nome de Município de Ganchos, passa a ser denominado Município de Governador Celso Ramos, em 1967. O gentílico é gancheiro. (BRENUVIDA, 2020).

das baleias, ou simplesmente *Armação*”. (ELLIS, 1969, p. 59). Armação também tem sentido ligado às construções dos tetos das igrejas¹¹.

A igreja consagrada a Nossa Senhora da Piedade foi benta em 18 de janeiro de 1745¹², recebeu colonos do Arquipélago dos Açores¹³ e Madeira. O primeiro documento



Fig. 4: Ex-voto suscepto. Armação da Piedade. (Acervo do autor).

que menciona não somente a existência de escravizados na Armação da Piedade, também a utilização destes escravizados no processo da caça baleeira, é um quadrinho, um ex-voto suscepto ou voto realizado, datado de 1765, que se encontra exposto na Igreja de Nossa Senhora da Piedade. Confeccionado em madeira, o ex-voto *suscepto* narra a história dos arpoadores Antônio Cardoso e Augusto Francisco de Oliveira, naufragos em 1765¹⁴.

A caça da baleia enriqueceu muitos homens que se tornaram senhores de engenhos. Mawe em seu depoimento afirma que em 1804, trabalhavam na Armação da Piedade 150 escravos (MAWE, [1804], 1996). Ganchos contou com vários senhores de escravizados, entre os quais, Jacinto Jorge dos Anjos Correia, José Lopes Jordão e Ignácio Vieira da Cunha (SILVA, 1992), e vamos incluir nesta lista Simão Alves, descendente de açorianos que migraram em 1748, e que detinha quatro escravizados¹⁵. Em 1816, com a saída de

¹¹ “Armação. A Armação de huma Igreja. Volantes, almofadas, cubretores, tafetazes, passemanes, etc, com que se armão as paredes, o tecto, as janellas, arcos, columnas, etc, Textilis templi ornatos”. (BLUTEAU, Companhia de Jesus, 1712-1728).

¹² Henrique Boiteux, em “Os barriga-verdes”, menciona que duas capelas, hoje em Governador Celso Ramos, são bentas durante a administração do governante interino Patricio Manoel de Figueiredo: a capela consagrada à Nossa Senhora da Piedade, aos 18 de outubro de 1745, e a capela de Santa Cruz, na Fortaleza de Santa Cruz do Anhatomirim, aos 28 de outubro de 1745.

¹³ O Arquipélago ou Região Autônoma dos Açores é um território da República Portuguesa dotado de autonomia política e administrativa. É formado por nove ilhas de origem vulcânica, em pleno Oceano Atlântico, a 1.500 km de Portugal, a 4.000 km de Nova Iorque e a 8.000 km de Florianópolis. No século XVIII Santa Catarina recebeu mais de 6500 açorianos que vieram para cá fazendo parte de um grande projeto da coroa portuguesa para ocupar o Brasil Meridional e consolidar a posse definitiva destas terras. Estes casais açorianos chegaram entre 1748 a 1756 e desembarcaram em Nossa Senhora do Desterro (hoje Florianópolis) e foram redistribuídos ao longo do litoral catarinense. Disponível em: <<http://www.nea.ufsc.br/noticias.php?id=89>>. Acesso em: 26 jan. 2008.

¹⁴ “M^o que, fez N.S. da Piedade no Timoneiro Ant. Cardoso e a Augusto Frans de Oliveira que saindo ao mar em lancha de pesca deste anno de 1765. Tendo justamente uma Baleia ao mar de outra q. lhe deu com tão grande pancada na lancha q a quebrou lançando ao mar todos os que estavam nella os quais nadando seis horas em cima d’água sem esperanças de savação chamaram pela padroeira a N.S. que lhe foi servidos depressa lhe accudiu a laneira de q: não tinham esperanças algumas ela salvou toda gente menos d: uma preta q: já tinha morrido afogada.”. Eu mesmo fiz a transcrição do quadro, do ex-voto suscepto, que é listado no inventário da Fundação Catarinense de Cultura (FCC).

¹⁵ Simão Alves ou Alvares é antepassado do autor em seis gerações. Filho de Antonio Homem Alvares e Maria Josefa do Nascimento ou Maria Josefa Vieira Machado, está sepultada, em cova de fábrica, no ano de 1800, no interior da

escravizados e ex-escravizados para Armação da Lagoinha, na Ilha de Santa Catarina, a Armação da Piedade reduziu o número escravizados para 130, a maioria proveniente de Magume, Benguela e Cabinda, bem como do Congo, da Mina e Moçambique, entre outras etnias¹⁶.

O que levou os imigrantes germânicos para esta verdadeira epopeia nas Américas foi certamente uma abertura, na forma de propaganda do Governo Imperial Brasileiro, que tinha por objetivo a substituição da mão de obra africana escravizada por um modelo de agricultura europeu. Todo processo de colonização do século XIX está repleto de imagens, em propagandas panfletárias, geralmente de agenciadores ou empresas com sede na Europa, muito embora gerenciada por brasileiros fluentes nas línguas alemã, italiana, francesa, etc., e que vendiam a ideia de um Brasil onde o ouro frutificava em árvores. Incluiríamos, também, os diversos relatos de viajantes, curiosos, entusiastas, artistas e pesquisadores que atravessaram o oceano em busca de aventuras e descobertas científicas, marca dos séculos XVIII e XIX, e que encorajaram viagens de europeus ao Brasil. Antes destes comentadores-viajantes, as crônicas do viajante germânico Hans Staden¹⁷, escritas em 1557, no século XVI, também influenciaram viagens ao Brasil, especialmente germânicos. E como as coisas não surgem sem algo que as sustente, observemos que antes mesmo de Staden, houve a viagem-empreendimento do veneziano Sebastião Caboto, que circunvagou a península gancheira, inclusive batizando a baía de Baía de São Sebastião dos Tijucais, a atual Baía de Tijucas, em 1526. Caboto aportou na Baía de Tijucas, aprisionou indígenas (CABRAL, 1968), e depois edificou um cruzeiro na foz do Rio Tijucas. Caboto obteve notícias, por meio de publicação impressa, que circulava na Alemanha, e em outros portos da Europa, da experiência de Aleixo Garcia, um alentejano, naufrago da expedição do português João de Solis, em 1516, e que foi o primeiro estrangeiro a chegar ao Império Inca antes da expedição de Pizarro (BOND, 2005).

E apesar dos germânicos que para cá vieram não dimensionarem a importância do lugar que ocupariam, boatos correm sempre. A Colônia Piedade que foi: “[...] estabelecida em 11 de janeiro e 5 de março de 1847 por 150 colonos alemães, remetidos pelo Governo Imperial em terras da antiga Armação da Piedade [...]” (COELHO, [1856], 2005, p. 236), era um recomeço.

Colônia alemã da Piedade: ascensão e declínio

Catedral de Florianópolis. Simão Alves (1778-1838) tinha quatro escravizados conforme inventário datado de 1839. Arquivo do TJSC. Código CX 2217.

¹⁶ As informações referentes aos escravizados da Armação da Piedade foram apuradas pelo professor e historiador Joaquim Gonçalves dos Santos, que escreveu a dissertação de mestrado “A Freguesia de São Miguel da Terra Firme: 1750-1894”, adaptada para o livro de mesmo nome.

¹⁷ Recomendamos: “Pelos veredas do paraíso: Hans Staden e a expedição Sanabria”, de Marcelo Gonzalez Brasil Fagundes, e que faz parte da obra “História de Santa Catarina: séculos XVI a XIX”, organizado por Ana Brancher e Sílvia Maria Fávero Arend, publicado pela UFSC, em 2004.

A planta cartográfica de Santa Catarina de 1848¹⁸, menciona que a Província, de acordo com o censo, tinha 81.500 habitantes em 1847, 70.454, em 1841, e 45.410, em 1824. Destes 81.500 habitantes, 61.500 eram considerados livres e 1.500 estrangeiros, o que nos traz um número de 18.500 escravizados, representando 22,07% da população catarinense, um número significativo. E quem visita o litoral catarinense pouco sabe da existência da fundação de colônias germânicas e de outras etnias, haja visto que há um predomínio da colonização portuguesa, notadamente a açoriana e madeirense, que chegaram num contingente superior a 6 mil pessoas, principalmente entre 1748-1756.

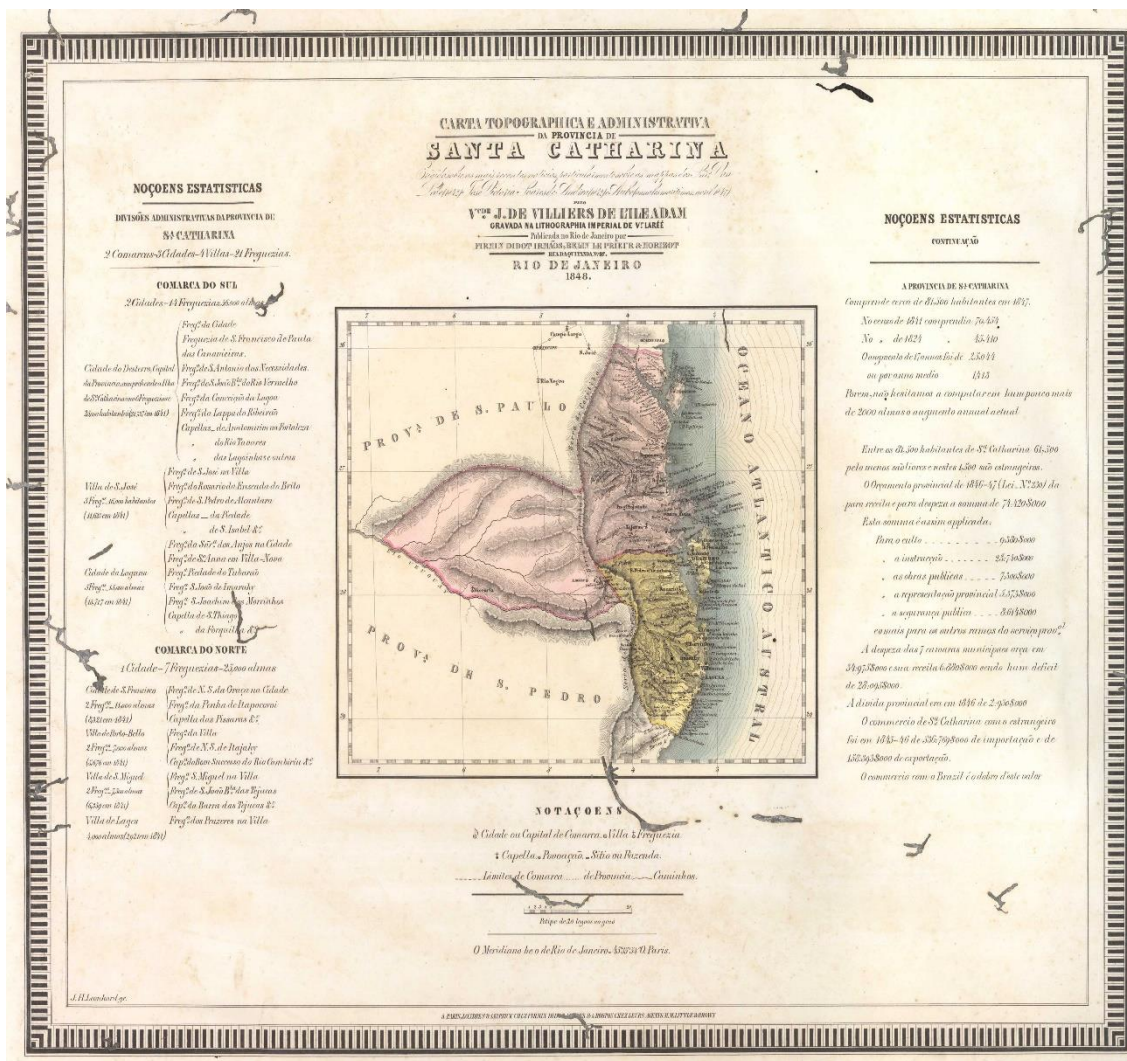


Fig. 5: Carta Topográfica de Santa Catarina, 1848. (Acervo do autor).

No mapa (Fig. 6), observamos o traçado de algumas colônias como a Leopoldina, a colônia Italiano-alemão, a colônia Santa Isabel, a colônia São Pedro de Alcântara, e uma referência a Colônia Piedade. Em 1851, o Presidente da Província de Santa Catarina, o fluminense João José Coutinho, tece considerações a respeito das colônias mantidas ou

¹⁸ Carta Topográfica e Administrativa de Santa Catarina, realizada pelo Visconde J. de Villiers de Lile Adam, e grafada na Litografia Imperial de v. Larée, e publicada no Rio de Janeiro por Firmin Didot Irmãos, Bellin Le Prieur & Morizot, em 1848.

criadas em seu mandato¹⁹. O documento publicado em *“Falla do Presidente da Provincia de Santa Catharina: Assembléa Legislativa Provincial (SC) – 1841 a 1884”*²⁰, é riquíssimo e mostra que Coutinho reconhece seu despreparo para as questões administrativas. Apesar de Coutinho ser um grande intelectual para sua época, aliás, dotado de muita inteligência e capacidade de articulação com o governo imperial, em Santa Catarina ele encontrou imensa dificuldade para administrar a província, naquela Santa Catarina dos anos 1840 e 1850. Compreendendo que por aqui já havia colonos europeus desde 1748 (açorianos), os de 1818 (Colônia Nova Ericeira), os de 1829 (Colônia São Pedro de Alcântara).

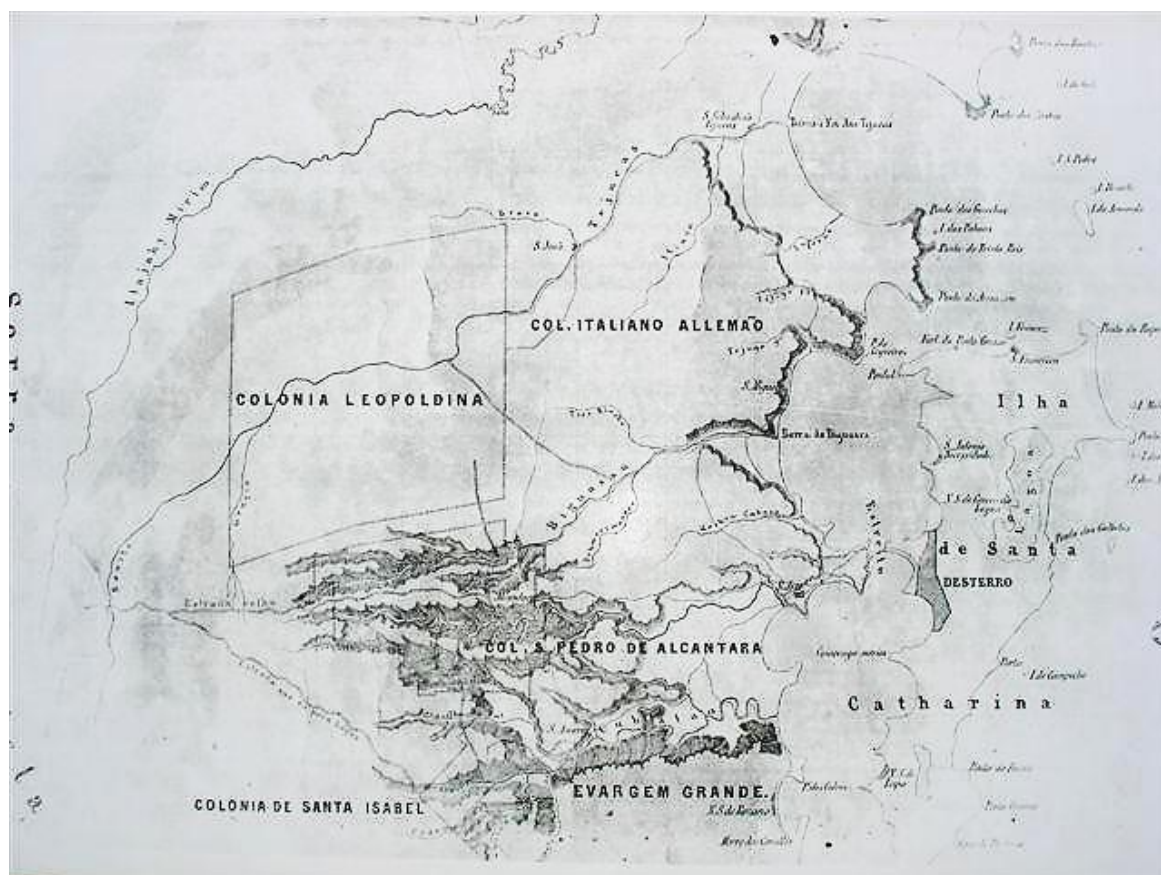


Fig. 6: Mapa das colônias alemãs catarinenses. (Acervo da Prefeitura de São Pedro de Alcântara/SC).

¹⁹ João José Coutinho (Rio de Janeiro, 9 de dezembro de 1809 – Rio de Janeiro, 16 de abril de 1870), presidente da Província de Santa Catarina entre 24 de janeiro de 1850 a 23 de setembro de 1859. Foi nomeado por carta imperial de 19 de novembro de 1849, e deixou o cargo para Esperidião Elói de Barros Pimentel, que governou interinamente até 21 de outubro de 1859.

²⁰ A íntegra do documento pode ser acessada aqui: Ano 1849\Edição 00001 (1) <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=335037&pesq=%22armacao%20da%20piedade%22&pasta=ano%20184&hf=memoria.bn.br&pagfis=369>>. O documento traça um perfil objetivo da Província nas décadas de 1840 e 1850, considerando temas como prisões, escravizados, dívida com exostos (crianças enjeitadas), gastos com a Igreja, o azeite/óleo de baleia para iluminação pública, fábricas e comércio, a disparidade de preços entre os panos (tecidos) estrangeiros e catarinenses. É um importante documento de pesquisa para compreender problemas contemporâneos de Santa Catarina.

Conforme o expediente do Jornal O Conciliador Catharinense²¹, em edição de 1850, temos que:

Quatro são as colônias em criação, sobe que tem de empregar-se as vistas criativas de V. Exc.: a colônia de Santa Isabel empreendida pelo Governo, composta de Alemães, e que teve princípio em Julho de 1847, é situada na nova estrada de comunicação das Caldas da Imperatriz à Boa Vista: esta colônia tem um ramo na várzea grande, e já conta mais de setenta pessoas, nela se tem feito muitos trabalhos; há abundância de pastos, animais e plantações; cada família tem o seu engenho de farinha, e também de açúcar. Esta colônia está a cargo do Sr. Coronel Joaquim Xavier Neves: a da Piedade estabelecida nas terras da Armação da Piedade, foi fundada pelo General Antero, com aprovação do Governo Imperial pelos avisos de repartição do Império de 10 de abril de 1847, e 18 de setembro de 1848, e é composta por 34 famílias alemãs, a quem se distribuíram terras na extensão de 2:700 braças de frente com 500 de fundo; empregam-se na cultura da mandioca, cana, feijão, milho, e diversas outras plantações. Esta colônia à cargo do Sr. Tenente Coronel Sabino José da Gama, comandante da Fortaleza de Santa Cruz: a colônia Leopoldina do empreendedor Sr. Henrique Schutel, vice Consul de Sardenha, situada entre os rios Biguaçu e Tijucas, começada apenas com famílias brasileiras, e destinada a ser povoada também por colonos alemães, teve de sofrer paralisação, por ter, os acontecimentos políticos, e bloqueio dos portos d'Alemanha impossibilitado a saída dos colonos alemães, que em virtude de contrato de engajamento outorgado em 23 do mes de junho de 1848, deviam chegar a este porto no prazo determinado de 15 meses, porém tendo cessado essas dificuldades, é de esperar a remessa desses colonos: a (colônia) do Príncipe Dom Afonso, principiada com colonos sardos e brasileiros, situada à margem do Tijucas grandes, tem 193 colonos de ambos os sexos nacionais e estrangeiros.

Este relato do jornal é importante para compreender o contexto das colônias catarinenses, corroborando com a justificativa do governador João José Coutinho pelo equívoco cometido na fundação da Colônia Piedade, alegando a infertilidade e aridez do solo, já cansado provavelmente de outras culturas agrícolas, conforme menciona o expediente da “Falla do Presidente da Provincia de Santa Catharina: Assembléa Legislativa Provincial (SC) – 1841 a 1884”²²:

De acordo com o Relatório do Ano de 1847, apresentado à Assembleia Geral Legislativa, na 1ª Sessão da 7ª Legislatura, porém, publicado em 1848, como se observa na

²¹ O documento completo do “O Conciliador Catharinense: Jornal Official, Noticioso e Litterario (SC) – 1849 a 1850”. Ano 1850\Edição 00078 (1), é acessado no link: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=759449&pesq=Armacao%20piedade&hf=memoria.bn.br&pagfis=307>>. Acesso em: 10 set. 2022.

²² Falla do Presidente da Provincia de Santa Catharina: Assembléa Legislativa Provincial (SC) – 1841 a 1884. Ano 1851\Edição 00001 (1). <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=335037&Pesq=%22armacao%20da%20piedade%22&pagfis=451>>. Acesso em: 10 set. 2021.

página 35, os 380 colonos assentados em Santa Isabel e Armação da Piedade, sendo 268 em Santa Isabel e 112, em Piedade, e tudo indica que foram naturalizados como cidadãos brasileiros²³. Basicamente agrícola, a Colônia Piedade sucumbiu com apenas seis anos, em 1853, de acordo com os relatórios provinciais. O verbo sucumbir não necessariamente significa desaparecer, tem correlação com algo que vai sofrendo um processo de degradação. Myriam Ellis, na obra "A baileia no Brasil colonial", aponta 1855 como o ano em que praticamente a Colônia Piedade não mais existia. O uso do termo "praticamente" não afirma uma completa extinção da Colônia Piedade, porém, reforça o fato de que um núcleo colonial, como pensado no momento de sua criação, não pode mais se sustentar. O solo pouco fértil, íngreme e o aspecto climático foram condicionantes que não permitiram a continuação da colônia. Grande parte dos colonos reemigrou para localidades que se tornariam municípios na região da atual Grande Florianópolis.

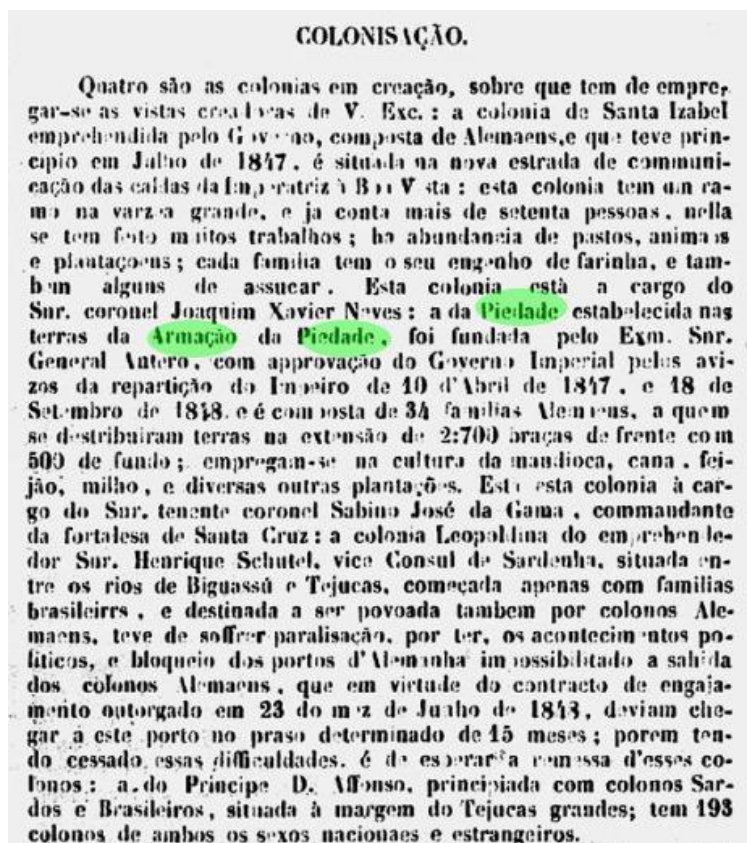


Fig. 7: Jornal Oficial, Noticioso e Literario. Ano 1850/Ed. 0078(1). O conteúdo transcrito consta na citação da página anterior.

Famílias germânicas na Colônia Piedade

O historiador Toni Jochem, em artigo publicado pela Academia de Letras de Biguaçu, em 2008, menciona que dos 150 imigrantes que chegaram, em 1847, à Colônia Piedade, em 1856, restavam 41. Parte destes imigrantes ajudaram no desenvolvimento do município de Antônio Carlos. (JOCHEM, 2008, p. 180). Antônio Carlos é um município vizinho a Governador Celso Ramos.

Em 1868, um anúncio no Jornal O Despertador, de 22 de setembro, dava a seguinte notícia: *"Vende-se na Freguesia da Armação da Piedade um touro, tourinho e várias crias da mesma raça. O motivo desta venda é por se ver obrigado o anunciante a abandonar o*

²³ Conforme Relatório Imperial de 1847/48. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/720968/per720968_1847_00001.pdf. Acesso em: 10 set. 2021.

referido lugar.²⁴ Quem assina o anúncio do jornal é Guilherme Smith, porém, revisitando



Fig. 8: Jornal O Despertador, 1868, p. 1. (Acervo: Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina).

as informações constantes nas listas de bordo dos imigrantes alemães que viajaram na Galera Americana Ariosta, e no Brigue Sardo Eridano, e que vieram para Santa Catarina no Patacho Afonso Primeiro, em 2 de janeiro de 1847, e verificando a lista de imigrantes alemães que vieram na Corveta Nacional Bertiooga, aos 24 de fevereiro de 1847, e revendo o mapa da planta da Armação da Piedade, em 1850, já com a divisão dos lotes para as famílias alemãs, não localizamos o sobrenome Smith, que poderia ser grafado Schmidt ou Schmitz²⁵.

Revendo um texto escrito por Beat Richard Meier²⁶ nota-se que há uma anotação do historiador joinvilense Carlos Ficker a respeito das Memórias do Colono Matias Schmitz²⁷, mencionando que esta família é fundadora, tanto da Colônia Santa Isabel, tanto quanto é fundadora da Colônia Piedade (MEIER, 1990). Também, de acordo com as pesquisas de Beat Meier, o nome do colono Schmidt não consta no mapa porque ele foi casado com Catharina Croft, detentora do lote extremante aos colonos: Francisco Meurer (com quem eles tinham ligações familiares e de amizade, de acordo com Meier), Johann Pedro Endries, Johann Klein, e Johann Wendeling (MEIER, 1990).

²⁴ Jornal O Despertador, de 22.09.1868, p. 1. Acervo: Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina; Pode ser encontrado na Edição 00589, de O Despertador, 1867. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=709581&pasta=ano%20186&pesq=Arma%C3%A7%C3%A3o&pagfis=2263>>. Acesso em: 10 set. 2022.

²⁵ A lista de imigrantes da Colônia Piedade, com apoio na Coleção Ficker, é apresentada em "A epopeia de uma imigração", de Toni Jochem (1997).

²⁶ Beat Richard Meier, a quem agradeço imensamente o diálogo e acesso à pesquisa no que se refere aos Kalbusch, ele é casado com uma descendente da família Kalbusch. Os Kalbusch descendem de Mathias Kalbusch (1830-1907) casado em primeiras núpcias com Margaretha Girres, na Renânia, aos 7 de fevereiro de 1850, e com o falecimento desta, com Katharina Kohnen (1836-1901), em 11 de maio de 1857. De acordo com Beat Richard Meier os Kalbusch são provenientes do Norte de Luxemburgo, região de Ösling, tendo o território do atual Ducado de Luxemburgo reduzido com o Congresso de Viena, e o lugarejo chamado Ouren, para onde os Kalbusch se mudaram no século XVIII, ficou sob o domínio da Prússia. Após a revolução de agosto de 1830, em julho de 1831, esta parte do território em que viviam os Kalbusch passa fazer parte de Bélgica. Um dos filhos do casal, Johannes Kalbusch, nascido aos 3 de janeiro de 1872, em Taquaras, Rancho Queimado, e casado aos 13 de março de 1895, com uma descendente de açorianos chamada Carolina Candida de Jesus, faleceu também em Taquaras, Rancho Queimado, aos 28 de novembro de 1904. O registro de batismo de Mathias Kalbusch é encontrado em Belgium, Liège, Civil Registration, 1621-1914. Reuland. Naissances, mariages, décès 1829-1833. Disponível em: <<https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:33S7-9564-6CX?i=174>>. Acesso em: 10 set. 2022. Registro de batismo n. 40, do Livro de Teresópolis, de Johanés ou João Kalbusch, Disponível em: <<https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:S3HY-6589-Y1M?view=index&personArk=%2Fark%3A%2F61903%2F1%3A1%3AQG29-VD48&action=view&groupld=M9SM-5KR>>. Acesso em: 29 mar. 2023.

²⁷ Revista Blumenau em Cadernos, Tomo VIII, n. 2, p. 27. Nas memórias de Mathias Schmitz, o Brigue Sardo Eridano é mencionado como um dos navios que trouxeram os imigrantes. Atualmente, o acervo da Revista Blumenau em Cadernos é disponibilizado no link: <<http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/blumenau%20em%20cadernos/blumenau-emcadernos.html>>. Acesso em: 10 set. 2022.

O que chama atenção no anúncio do Jornal O Despertador, de 22 de setembro de 1868, é que o sobrenome Schmitz/Schmidt consta na Piedade entre 1867/1868, e evidencia que estes colonos germânicos foram deixados à própria sorte, tendo que recorrer a anúncios de jornais para venda de suas propriedades. Outra questão importante a ser abordada, principalmente com os textos de Beat Richard Meier, se refere é que nas fontes primárias que analisou, descobriu documentos que podem contar a história do infortúnio da Colônia Piedade, que para Meier, teria chegado ao fim em 1855 (MEIER, 1990). Não tivemos acesso às fontes primárias que Meier disse ter tido estudado, porém, ao ler a obra "Ganchos/SC: ascensão e decadência da pequena produção mercantil pesqueira", da professora Célia Maria e Silva, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), observamos que esta pesquisadora pesquisou os arquivos coloniais da Piedade no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

De acordo com Meier, o historiador Carlos Ficker, que traz a lista de bordo dos imigrantes da Piedade, e também da Colônia Santa Isabel, não pesquisou os documentos em fonte primária no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. Meier vai nos dizer, em sua pesquisa do ano de 1990, que a colônia que ele chama de Colônia Armação de Nossa Senhora da Piedade foi criada juntamente com a Colônia Santa Isabel porque: "nenhuma das duas tinham lotes bastante para acomodar os colonos chegados ao fim de 1846 e início de 1847, e assim foram divididos através da chegada de navios que os trouxeram."

(MEIER, 1990). Nesta lista, estão os navios: *Vênus* e *14 de Novembro*, que trouxeram os imigrantes para Colônia Santa Isabel, e os navios *Affonso I* e *Bertioga*, que trouxeram os imigrantes para Colônia Piedade (MEIER, 1990).



Fig. 9: Relação de negócios na Armação da Piedade. Olaria de Pedro Ocha (Ocker).

Compreendemos aqui, que o raciocínio de Meier encontra eco nas memórias que José Gonçalves dos Santos Silva, Cônsul de Portugal em Santa Catarina, na citação que fizemos na abertura deste artigo, quando o cônsul luso menciona que as duas colônias alemãs, Piedade e Santa Isabel são uma única colônia, como se uma colônia estivesse ligada à outra. Infelizmente, não há, além dos apontamentos de José Gonçalves dos Santos Silva, e da proposição de Beat Richard Meier, outros documentos que apresentem argumentos semelhantes.

Realizamos a leitura completa da Fala do Presidente da Província João José Coutinho, do ano de 1851, com respeito ao povo catarinense daquele período, que menciona em seu relato pormenorizado, a situação das

colônias de imigração²⁸. O que outrora fora a Armação Grande das Baleias, e depois a tentativa frustrada da implantação de uma colônia alemã, viu a evasão de habitantes para Ganchos e outras regiões²⁹. A pesquisa em periódicos dos séculos XIX e início do século XX, mostram a decadência da Colônia Alemã da Piedade. Resta saber, outrossim, que em 1868, a Colônia Piedade registrava apenas 11 imigrantes alemães, que ao permanecer nas cercanias da Armação da Piedade, adquiriram olarias e estabeleceram uma pequena produção agrícola (SILVA, 1992), entre estes imigrantes, a família Ocker³⁰.

A família Ocker: remanescente na atual Armação

Mathias Ocker, nascido em 8 de setembro de 1808, em Reil, na Alemanha, era filho de Christian Ocker ou Christiannus Ogger, um professor na época com 43 anos de idade, e de Anna Barbe Scherer³¹, casados a 25 de novembro de 1806, em Masburg, Cohem-Zell, na Renânia-Palatinado. Com o casal Mathias e Barbara Racht, nascida também na Renânia-Palatinado, e filha de Jacob Racht e Margaretha Grehl, vieram as filhas: Elisabetha, com 13 anos de idade (1835), Amalie, com 6 anos de idade (1841) e Clara, com 1 ano de idade (1846). Também veio a sogra de Mathias, Anna Catharina Rachz, com 58 anos de idade. No Brasil, o casal teve mais quatro filhos: Pedro Mathias, Christiano Mathias, José Mathias, e Guilherme Mathias Ocker (1865)³².

²⁸ O documento Ano 1849\Edição 00001 (1), pode ser acessado: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=335037&pesq=%22armacao%20da%20piedade%22&pasta=ano%20184&hf=memoria.bn.br&pagfis=369>>. Acesso em: 10 set. 2022.

²⁹ A figura (9) nos mostra sobrenomes germânicos, americanos e outros, no ano de 1885, na Armação da Piedade. Um destes nomes é descendente do cônsul interino do Estados Unidos, Robert Swain (Sens) Cathcart, o fazendeiro ou lavrador, Diogo Cathcart. Outro nome que consta nesta lista, é de Franz ou Francisco Jacob Riveler (Rieveler), nascido na Alemanha, que foi administrador do cemitério da Armação da Piedade. Aqui mostra que a Armação em 1885 tinha já um cemitério, porém, de acordo com relatos dos mais antigos, este cemitério se localizava mais ao centro do lugar. Importante destacar que Franz/Francisco Riveler vai se casar aos 17.05.1856, na Vila de Nossa Senhora do Desterro, com Anna Maria Vendelin, ela filha de João Wondelin e Magdalena Etse. Com Anna, Jacob tem os filhos: Barbara Anna (1859-1936), Amalia Francisca (1863-1933), Antonia (1864), Clara Francisca (1866-1929), Marianna Francisca (1869), Eliza (1871-1952), e João Francisco. Todos os filhos de Francisco se casam com descendentes de portugueses, entre os quais, das famílias Oliveira, Monteiro, Jorge (Nascimento) e Quintino Ignácio, sendo que Clara é a ancestral da criveira Iraldina Jorge, e da ramificação da família de cartorários "Sagaz/Sagás", que se instala em Ganchos do Meio. Outro sobrenome desta lista de negócios, um sobrenome alemão-suíço, se refere aos Ziegler, que consta nos arquivos da Colônia São Pedro de Alcântara, e já foi mencionado aqui em um casamento com a família Ocker. Os Ziegler continuam morando em Governador Celso Ramos/SC.

³⁰ A Fig. 9 ainda nos mostra a mudança na grafia de alguns sobrenomes, como por exemplo, Rieveler que se tornou Riveler, e conforme já apuramos, desde 2015, dezenas de registros da família OCKER, o sobrenome escrito OCHA. A referência do Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (RJ) – 1844 a 1885, comprova o que conversamos com descendentes da família, que Pedro Egídio Ocker deu continuidade à atividade dos ancestrais quando deixaram de ser somente agricultores. Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (RJ) – 1844 a 1885. Ano 1885\Ed B042 (1). <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=313394x&pesq=cathcart&pasta=ano%20185&hf=memoria.bn.br&pagfis=60961>>. Acesso em: 10 set. 2022

³¹ O registro de nascimento de Mathias Ocker, escrito em francês, 1808. Documento pesquisado, pela primeira vez, por Marcio Ocker, residente em Joinville, possui cópia autenticada do registro de nascimento do ancestral alemão.

³² Conforme relato escrito pelo autor e por Alex Ocker, e publicado pela Embaixada da Alemanha, em 23 de abril de 2015. <<https://www.facebook.com/profile/100068658948072/search/?q=Ocker>>. Acesso em: 11 mar. 2022.

Os Ocker aportaram na Armação da Piedade aos 2 de janeiro de 1847, a bordo do Patacho Affonso I, e tinham um lote na Colônia Alemã da Piedade em 1850, sendo os vizinhos: as famílias de Henrique Platten e Mathias Reift, com fundos para as famílias de Johann Mohr e Christian Barth. Os filhos de Mathias e Barbara se casaram tanto com descendentes de açorianos, como

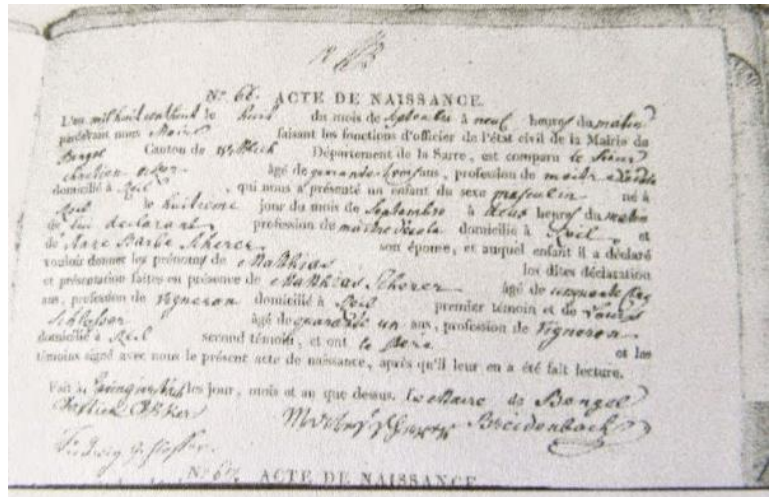


Fig. 10: Registro de batismo de Mathias Ocker. (Acervo do autor).

também com descendentes de açorianos, como também com descendentes de alemães da Colônia Piedade ou de alemães das colônias próximas. Johann Peter Endres ou Endreis, filho do casal Johann Peter Endres e Maria Anna Klein, provenientes de Mittelstrimmig, Zell, na Renânia-Palatinado, se casou com Amália Ocker (1840-1869), aos 21 de março de 1865, em São Miguel da Terra Firme (na época, todos os registros da Freguesia da Armação da Piedade eram mencionados como São Miguel da Terra Firme). Deste casamento, nasceu uma filha chamada Clara Amália Endres que se casou com Antônio Justino Cabral, aos 9 de setembro de 1891, na Armação da Piedade.

Há uma ramificação dos Ocker que se une a dois sobrenomes alemães, e que entendemos importante citar neste trabalho, a ramificação de Pedro Mathias Ocker. Casado em primeiras núpcias, aos 3 de janeiro de 1872, na Armação da Piedade, com Catharina Crappa, ela filha de Pedro Patis e Catharina Crappa, e falecida em 1879, Pedro Mathias Ocker vai se casar novamente com Amália Martha Ziegler (1859-1919), e deste casamento nascem: João Pedro Ocker (1880-1947), Egidio Pedro Ocker (1881-1941), Alfredo Ocker (1883-?), Julio Ocker (1887-?), Lionel Ocker (1889-?), Maria Ocker (1892-?), Martha Ocker (1895-?) e Rodolpho Ocker (1899-?). Amália Martha Ziegler, nascida aos 27 de julho de 1859 e falecida aos 11 de junho de 1919, na Armação da Piedade, é procedente de São Pedro de Alcântara, filha do casal Andreas Jacob Ziegler, nascido em 1837, em Herblingen, Schaffhausen, na Suíça, e de Elisabetha ou Elisa Endres, ela filha de Johann Peter Endres e Maria Anna Klein, colonos da Piedade.

Guilherme Mathias Ocker, irmão de Amália, se casou com a descendente de açorianos, do casal Manoel Luis Jacques e Rosa Maria das Chagas, e tiveram três filhos: Mamede Guilherme Ocker, Rosa Maria Ocker e Barbara Ocker. Rosa Maria, casada com Rodolfo

Manoel de Oliveira, é a ancestral de uma ramificação Ocker que já não carregam o sobrenome, e que continuam vivendo no bairro de Canto dos Ganchos³³, em Governador Celso Ramos.

Famílias que abandonaram/migraram a/da Colônia Piedade

A partir de 1847, no período imperial, eram listados os seguintes sobrenomes dos 150 colonos alemães: *Bins, Endries, Justen, Kallfelz, Klein Knod, Laus, Loux, Meurer, Mohr, Ocker, Platten, Pellenz, Peter, Rachz, Reiff, Reitz, Ronen, Schneider, Shommer, Steffens, Tries, Wademphul, Wendling, entre outros.* (SILVA, 1992). Destes emigrantes, 69 eram filhos, em idade considerada ótima para o trabalho, entre 15 a 20 anos de idade. A eles foram distribuídas terras na extensão de 2.700 x 500 braças, onde edificaram suas residências, assentaram 4 engenhos movidos à mão e em cujos espaços cultivaram principalmente mandioca, cana-de-açúcar, feijão e milho, entre outras produções. (SILVA, 1992, p. 93).

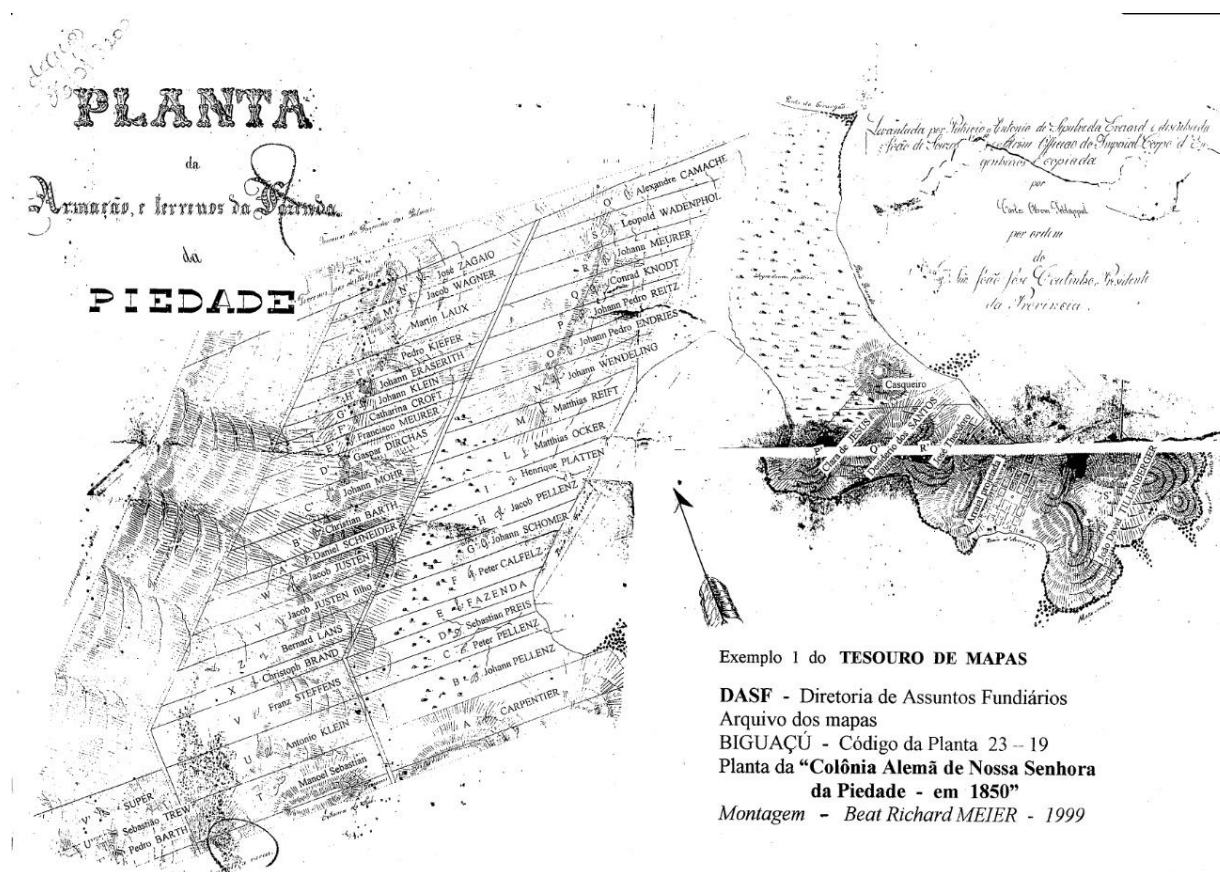


Fig. 11: Planta Colônia Piedade, 1850, reconstituída com apoio de Beat Richard Meier (1999). DASF – Diretoria de Assuntos Fundiários. Arquivo dos mapas. Biguaçu. Código da Planta 23 – 19.

³³ Família de Abelardo Rodolfo de Oliveira, nascido no Canto dos Ganchos e que foi morar na Ilha do Arvoredo ainda com um ano de idade, transportado numa lancha a remo e à vela.

PELLENZ

Vamos ao caso da família Pellenz³⁴, transportada provavelmente na *Galera Americana Ariosta* ou no *Brigue Sardo Eridano*, mas que certamente chegou a bordo do *Patacho Affonso I*, à Colônia Piedade em 2 de janeiro de 1847, esta família, em 1850, ocupava, pelo menos, três lotes na Colônia Piedade, conforme menciona a Planta da Armação, e terrenos da Marinha. Um destes lotes era vizinho da família Carpentier e da família Preis, e outro lote tinha por confrontantes as famílias Schomer e Platten. De acordo com a lista de colonos da Coleção Ficker, publicada também por Toni Jochem, eram os Pellenz: Johann e Regina Pellenz, respectivamente marido e mulher, com 43 e 38 anos de idade, e os filhos, Johann (12), Mathias Joseph (11), Eduard (7), Serenz (2), e um homem solteiro chamado Peter Pellenz, com 36 anos de idade. (JOCHM, 1997). Esta ramificação dos Pellenz era vizinha de lote de A. Carpentier e Sebastian Preis, conforme mapa confeccionado a partir da Planta da Colônia Alemã de Nossa Senhora da Piedade, em 1850, pela montagem/criação de Beat Richard Meier.

Porém, havia, como dissemos, pelo menos três lotes dos Pellenz. Um destes lotes pertencia a Jacob Pellenz, que não está na lista de imigrantes da Coleção Ficker, que consultamos, mas consta no mapa confeccionado por Beat Richard Meier com base na planta da Armação de 1850. Com apoio na pesquisa em genealogia, para nós, Jacob é pai de Johan Pellenz. Não encontramos, nos levantamentos em genealogia, um Johan Pellenz casado com Regina, e sim um Jacob Pellenz casado com Margaretha Hinlein ou Hänlein.

Estes Pellenz que se uniram à família Berns³⁵, de São Pedro de Alcântara, conforme registro de casamento de São Miguel da Terra Firme, do dia 21 de dezembro de 1874, a partir do casamento de Margarida Pellenz e João José Berns, sendo Margarida Pellez, filha de Johann Pellenz³⁶ e Francisca Reinert, e neta paterna dos donos do lote Jacob Pellenz

³⁴ De acordo com o Professor e Genealogista Joaquim Dias, PELLENZ é um sobrenome toponímico relativo a (atualmente) Verbandsgemeinde Pellenz, no distrito de Mayen-Koblenz, no Estado alemão da Renânia-Palatinado. Trata-se de uma região que compreende as freguesias (ortsgemeinde) de Kretz, Kruft, Nickenich, Plaidt e Saffig. Essa região inicialmente fazia parte do arcebispado de Trier, depois foi incorporado ao condado de Andernach, devido às invasões napoleônicas. Em 1870, a região finalmente configurou uma unidade administrativa própria. O termo "Pellenz" em alusão à região é usado desde o século XI. Blog do Professor Joaquim Dias. <<http://professorjoaquimdias.blogspot.com/search?q=Pellenz>>. Acesso em: 10 set. 2022.

³⁵ A família BERNs ou Berens são provenientes de Wintrich, Bernkastel-Wittlich, na Renânia-Palatinado. São descendentes de Joseph Berens, batizado 25.10.1774, na Diocese de Trier, e de Maria Recihert (1785-1862), segunda mulher de Joseph. O casal chegou ao Brasil a bordo do Brigue Luisa, em 7 de novembro de 1828, e se instalaram na atual São Pedro de Alcântara.

³⁶ Os dados referentes à família Pellenz, ramificação de Johan Pellenz, podem ser encontrados no seguinte endereço: <<https://www.familysearch.org/tree/person/details/9J6G-V85>>. Acesso em: 20 mar. 2023. Livro de Óbitos de São Pedro de Alcântara, 1883, Nov-1946, Dez, imagem 27 de 174, o registro de óbito de João ou Johan Pellenz, aos 72 anos de idade, viúvo de Francisca Reinert, vítima de febre, sepultado aos 28 de março de 1896, no Cemitério Bom Jesus. O registro pode ser acessado no endereço: <<https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:9Q97-Y3S9-SMFV?i=26&cc=2177296>>. Acesso em: 20 mar. 2023.

e Margaretha Hinlein ou Hänlein – Margarida era neta materna de Mathias Reinert e Barbara Kremer³⁷.

LAUS

Os Laus, provenientes de Liebenau, vilarejo da antiga Prússia, hoje Alemanha, de onde imigraram o casal Anne Bárbara Fërs, nascida em 1814, na época com 25 anos de idade, e Bernard Laus, nascido em 1824, portanto, com 15 anos de idade. Anne e Bernard Laus se casaram aos 20 de maio de 1841, em Liebenau, e tiveram o primeiro filho, Jacob, antes de imigrarem ao Brasil, quando ele tinha 17 e ela 27 anos de idade, e depois vieram mais dois filhos: Bernard³⁸ e Gisbert. Na planta/mapa da Colônia Piedade, de 1850, os Laus são donos de um lote, vizinhos da família de Cristoph Brand e da família de Jacob Justen Filho, bem como da família de Peter Calfelz. Na relação de imigrantes da Coleção Ficker, os Laus são transportados pelo Patacho Affonso I, chegando, portanto, em janeiro de 1847, à Armação da Piedade. Nesta relação, Bernard estava com 22 anos de idade, a mulher dele Anna Barbara, com 32 anos de idade, e os filhos: Jakob (05), Bernard (03) e Gisbert (1/2).

Os Laus eram católicos, assim como os Ocker, porém, os Laus tinham ancestralidade judaica, daí o nome da criança ser Jacob ou Jakob (LAUS, 2003). Os Laus imigraram com os amigos, de mesmo vilarejo, Franz e Elizabeth Steffens.

Os colonos, todos católicos, vieram em duas levas, em um número total de 150 pessoas. A primeira chegou pelo patacho de Afonso I, no mês de janeiro de 1847 e a outra pela corveta nacional "Bertioga", em março do mesmo ano. Entre os colonos da primeira leva, encontram-se também a família Laus. Era assim, como os demais emigrantes, procedentes da Alemanha. O chefe da família chamava-se Bernard Laus e tinha na chegada 22 anos. Sua esposa Anna Bárbara, tinha 32 anos. Na companhia do casal, se encontravam os três filhos: Jacob com 5 anos, Bernard Filho com 3 anos, e Gisbert com 6 meses. A Colônia Piedade só existiu pouco tempo e até 1854, já se tinham retirado 95 pessoas para outras localidades da Província (LAUS, 2003, p. 35).

³⁷ Levantamentos do Instituto de Genealogia de Santa Catarina (INGESC) e do Grupo de Pesquisas Genopapo Gancheiro, com base em informações do site <www.familysearch.org>

³⁸ Observemos o registro de nascimento de Bernardo, neto de Bernard e Anna, que conforme achado do autor, nos livros físicos da MITRA Diocesana de Florianópolis, temos a seguinte transcrição assinado pelo Diácono Jose Neri de Souza, Secretário, em 2016, da MITRA. "Certifico que, revendo os livros de Batismo da paróquia de Tijucas encontrei no livro 1870-1873, Fl. 5, um assento com o seguinte teor: BERNARDO – No mesmo dia, mes e anno (13.02.1870), no lugar supra declarado (Matriz de Tijucas), baptizei e pus os santos oleos no innocente Bernardo, nascido a 10 de Dezembro de 1869. Filho legítimo de Jacob Laus e de Amelia Garcia Laus; neto paterno de Bernardo Laus e de Anna Barbara Ferges e materno de Vicente José Garcia e Fortunata Garcia da Conceição. Forão padrinhos os avós paternos. E para constar mandei lavar este termo que assignei. O Vigário Interino Joaquim Eloy de Medeiros. Essa é, conforme apurações do autor, nos arquivos dos parentes de sua família BAYER/Beier e Wollinger, a descendência indígena, que Ruth Laus, escritora catarinense, faz menção no romance histórico "O Guarda-roupa alemão".

Os Laus abandonaram a Colônia Piedade entre 1854 e 1855, aliás, em 1855, a chamada “Casa do Recanto Tranquilo”, da família Laus, já estava edificada em Tijucas/SC. Os Laus contribuíram com a história catarinense, incluindo seu nome na política como é o caso do deputado federal Leoberto Laus Leal³⁹, que empresta seu nome à várias ruas catarinenses e também para um município no Alto Vale do Tijucas. Há também nomes importantes para a Literatura Catarinense e do Brasil, como Harry Laus, Cora Laus Simas e Lausimar Laus⁴⁰. Não há referência, nas pesquisas em genealogia, de qualquer assento dos Laus, na Colônia Santa Isabel.

LAUX/LOUX

É importante, porém, não confundir o Laus com os Laux⁴¹, grafados Loux na obra de Célia Maria e Silva, outra família da Renânia-Palatinado, a partir do casal Martin e Catharina Reiss ou Raisty, que também era chamada de Catharina Schumer⁴². Conforme a coleção Ficker, os Laux, grafados com xis, constam da segunda leva de imigrantes à Piedade, e chegaram na Corveta Bertioga. Eram os Laux: o casal, Martin Laux (42) e Katharina Laux (36), e os filhos: Margaretha (13), Klara (11), Maria Anna (10), Martin (8), Susana (6), Elisabeth (4) e Katharina (2). É com o registro de nascimento de Martin, que sabemos que a família era de Reil, na Alemanha, mesmo lugar em que vieram os Ocker. De acordo com a planta da Colônia Piedade, em 1850, a família de Martin Laux tinha a concessão de um lote, sendo seus vizinhos, a família de Pedro Kiefer, Jacob Wagner, Johann Meurer e Conrade Knodt. Pelo registro de casamento da filha do casal, Catharina Reiss, depois chamada Catharina dos Passos ou ainda Catharina da Costa dos Passos de Carvalho, em Penha/SC, em 8 de junho de 1863⁴³, sabemos que os Laux que migraram para Tijucas, conforme vários registros eclesiásticos apurados, não estavam mais na Colônia Piedade.

³⁹ LEOBERTO LAUS LEAL nasceu em 4 de julho de 1912, em Tijucas/SC. Filho de Miguel Silva Leal e de Isaura Laus Leal. Casou com Ivone Bruggemann Leal, com quem teve uma filha. Foi deputado federal por Santa Catarina. Faleceu em um acidente aéreo em São José dos Pinhais/PR, juntamente com o governador Jorge Lacerda e o senador Nereu Ramos. O Leal são açorianos da Ilha do Pico, e fundadores da cidade de Itajaí por meio de Silvestre Leal Nunes. Leoberto Laus Leal é primo-irmão de Bazelides Leal de Sousa Nunes ou Bazelides Narciso, bisavó do autor.

⁴⁰ A ramificação dos literatos Laus reúne também ancestralidade indígena do Vale do Rio Tijucas.

⁴¹ No ano de 2016, procurou o autor, o pastor evangélico Claudionor Claudio de Souza, com parentes no bairro do Jordão (família de João Thiago Nunes), em Gov. Celso Ramos, em busca de suas origens para fins de cidadania. De acordo com o relato de Claudionor, estes Laux, que na ocasião, os documentos mencionaram Laus, se estabeleceram na localidade de Sorocaba, interior de Biguaçu. A bisavó de Claudio, Catarina Laus, foi casada com João Maximiano Moraes ou Moraes, conforme foram apurados os documentos, por exemplo, a certidão de casamento de Leopoldo João Moraes e Nabib Maria Moraes. Casados aos 3 de fevereiro de 1973, em Biguaçu/SC.

⁴² No registro de batismo de Catharina Reiss, datado de 9 de agosto de 1810, em Reil, a mesma cidade dos Ocker, os nomes das mães constam como Mathes Reiss e Margreth Burg. <<https://familysearch.org/ark:/61903/1:1:D6L9-6Z3Z>>. Acesso em: 12 out. 2022.

⁴³ Este e mais registros dos LAUX, que em 2016 apuramos nos livros físicos, hoje se encontram digitalizados. <<https://familysearch.org/ark:/61903/1:1:QG29-L51Z>>. Acesso em: 12 out. 2022.

SCHNEIDER

Há outras famílias que localizamos a origem ou se preferirmos chamar “ponto de partida” antes da travessia ao Brasil, com destino à Colônia Piedade. Vamos ao singular caso de Daniel David Schneider⁴⁴, que viajou solteiro, com 25 anos de idade, e faz parte da relação de imigrantes da Coleção Ficker. Daniel David Schneider, aportou na Armação da Piedade, aos 24 de fevereiro de 1847, na segunda leva de imigrantes, a bordo do Patacho ou Corveta Bertiooga. Filho de Johann Henrich Schneider (1804-?) e Anna Elisabetha Kollmann, casados aos 26 de fevereiro de 1815, são esta ramificação dos Schneider, provenientes de Niederhosenbach, Birkenfeld, Oldenburg, Alemanha, ou seja, também da Renânia-Palatinado⁴⁵. Na Colônia Piedade, Daniel David Schneider, conforme planta da colônia, era vizinho de lote das famílias de Jacob Justen, Christian Barth, bem como de Henrique e Jacob Platten. Sabe-se, hoje, que Daniel David Schneider não estava mais em 1855 na Colônia Piedade porquê uma das filhas, Margarethe, foi batizada em 1º de junho de 1855, em São Pedro de Alcântara/SC, tendo nascido em São Pedro de Alcântara aos 28 de abril de 1855⁴⁶. De acordo com informações, em genealogia, por meio do pesquisador Carlos Eduardo Steiner, David Schneider, imigrou mesmo solteiro, era sapateiro de profissão, e se casou em São Pedro de Alcântara com Maria Josephina Bleser ou Bläser, ela filha de Anton Bleser e Anna Maria Rosar, nascida aos 5 de novembro de 1836, em São Pedro de Alcântara. Há registros da passagem de David Schneider pelas colônias germânicas de Blumenau, Itajaí (Brusque) e Santa Isabel. (STEINER, 2019).

⁴⁴ De acordo com o Professor Joaquim Dias, genealogista, Schneider é uma variação do sobrenome Schröder. Schröder: sobrenome poligenético que pode ser uma simples aliteração do sobrenome Schneider, com ocorrência principal no norte da Alemanha. Bem como pode possuir uma origem completamente diversa. O fato é o seguinte, Schneider ou Schröder são sobrenomes alemães que derivam da antiga palavra do alto alemão medieval schroden que, enquanto verbo, corresponde a cortar, moer ou ainda puxar. Em resumo, ambos os sobrenomes significariam a grosso modo cortador, moedor. Só que enquanto Schneider é sinônimo de alfaiate, costureiro, Schröder estaria relacionado a um tipo de profissional especializado no comércio de vinhos e/ou cerveja em barris, cujo termo exato é Schröter. Mesmo que haja a existência de linhagens relacionadas ao segundo tipo de profissão, no norte da Alemanha entre os séculos XVI e XIX as palavras Schröder ou Schroeder podiam também ser entendidas como sinônimos de cortadores de tecido, isto é, alfaiates. A Genealogia alemã explica estes problemas de interpretação devido às particularidades semânticas da antiga língua dos saxões (tribo germânica), cujos conceitos expressos em palavras podiam variar de situação para situação, dependendo das circunstâncias que estivessem envolvidas na formação de uma denominação qualquer. Neste caso, Schröder como derivado da profissão Schröter. Variantes: Schroder – variante comum sem o trema. Schröter – variante comum na Silésia. Schrodter – variante comum na Saxônia. Schrötter – variante comum na Turíngia. Schrader – variante comum em Ostfalen, Hanover, Hamburgo e Berlim. Schröer – variante com origem na Saxônia.

⁴⁵ A reconstrução destes registros é obtida por meio de pesquisas e contatos com familiares. Entramos em contato com Larisa Schneider Kewitz, descendente (trineta) de Daniel David Schneider, que pesquisa há quatro anos o paradeiro dos Schneider, e que está escrevendo um livro da genealogia dos Schneider. Por meio dos grupos de pesquisa em genealogia, descobrimos um registro de Edson Arndt, morto em 1976, aos 14 anos de idade, natural de Trombudo Central/SC, vítima de uma lesão crânio-encefálica por arma de fogo. Edson Arndt era descendente de Daniel David Scheneider, filho do comerciante Rudi Arndt e de Olga Scheneider. O óbito de Edson Arndt pode ser acessado por meio da seguinte fonte: Brasil, Santa Catarina, Registro Civil, 1850-1999 Braço do Trombudo Braço do Trombudo Óbitos 1958, Ago-1997, Dez. <<https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:S3HY-65J9-9P3?i=93>>. Acesso em: 10 set. 2022.

⁴⁶ "Brasil Batismos, 1688-1935", database, FamilySearch: 14 February 2020, Daniel Schneider in entry for Margarethe Schneider, 1855. <<https://familysearch.org/ark:/61903/1:1:XV48-HQ3>>. Acesso em: 10 set. 2022.

PLATTEN

A família do imigrante Henrique Platten, segundo a planta/mapa da Colônia Piedade de 1850, era vizinho das famílias de Jacob Pellenz e Mathias Ocker, bem como de Christian Barth e Daniel David Schneider. Curiosamente, o único Platten que consta na lista de emigrantes da Coleção Ficker, é Susana Platten, cunhada de Johann Adam Meurer e Anna Meurer⁴⁷, casal com lote em 1850, na Piedade. O colono Henrique Platten, de acordo com levantamento genealógico, é filho do casal Henricus Platten (1774-1819) e Maria Katharina Müller (1777-1851). Casado na Renânia-Palatinado com Anna Margarethe Wagner, aos 27 de fevereiro de 1838, o casal teve, pelo menos, quatro filhos: Henrique, Johann, Helena e Christina Margarida Platten. Conhecemos um pouco mais da família Platten pelo registro de óbito do filho João (Johann), e do registro de casamento do filho Henrique, ambos em São Pedro de Alcântara, o que evidencia que em 1857, os Platten não mais estavam na Colônia Piedade. João ou Johann Platten faleceu com 12 anos de idade, aos 24 de maio de 1857, em São Pedro de Alcântara⁴⁸. Estima-se que tenha nascido no ano de 1845, na Alemanha porque a planta da Colônia Piedade os menciona em 1850. Já Henrique, o filho mais velho, com o sobrenome aportuguesado para Plata, consta em um registro de casamento, aos 14 de outubro de 1857, em São Pedro de Alcântara. Henrique Platten se casa com Gertrudes Schmitter, filha de José Schmitter e Margarida Martindal⁴⁹. Há mais uma ocorrência interessante que pode, mais uma vez, relacionar a Colônia Piedade com as demais colônias do litoral catarinense. Isto porquê, Christina Platten, filha Henrique Platten e Anna Wagner, se casou aos 4 de dezembro de 1870, em Itajaí, com Pedro Felipe Schnaid ou Schnaider, descendente da Colônia Alemã de Itajaí. Não há referência, nas pesquisas em genealogia, de qualquer assento dos Platten, na Colônia Santa Isabel.

REITZ/REITT/REIFT

Um sobrenome que é muito conhecido na região da Grande Florianópolis, e que seu expoente contribuiu imensamente para a Botânica Catarinense, continuando, por as-

⁴⁷ Ainda não é possível comprovar, porém, Anna Meurer pode ser parente de Peter Calfelz ou Kalfelz, com lote em 1850, na Colônia Piedade. Os Calfelz/Kalfelz não constam da lista de emigrantes da coleção Ficker. Como o sobrenome MEURER é comum nos registros eclesiásticos do século XIX, entre emigrantes para o Brasil, requer uma pesquisa mais acurada. De qualquer forma, ressaltamos que tanto Meurer, como Kalfelz são sobrenomes da Renânia-Palatinado.

⁴⁸ "Brasil, Santa Catarina, Registros da Igreja Católica, 1714-1977, database with images, FamilySearch: 2 December 2020, Henrico Platter in entry for João Platter, 24 May 1857; citing Death, São Pedro de Alcântara, São Pedro de Alcântara, Santa Catarina, Brazil, Arquidiocese de Florianópolis (Archdiocese of Florianópolis), Santa Catarina; FHL microfilm 1,253,561". <<https://www.familysearch.org/ark:/61903/1:1:QL9M-FGJ6>>. Acesso em: 10 set. 2022.

⁴⁹ "Brasil, Santa Catarina, Registros da Igreja Católica, 1714-1977, database, FamilySearch: 1º abril 2020, Henrique Plata in entry for Henrique Plata, 14 Oct 1857; citing Marriage, São Pedro de Alcântara, São Pedro de Alcântara, Santa Catarina, Brazil, Arquidiocese de Florianópolis (Archdiocese of Florianópolis), Santa Catarina; FHL microfilm 1,253,561". <<https://familysearch.org/ark:/61903/1:1:QL9M-8MM2>>. Acesso em: 10 set. 2022.

sim dizer, a obra do célebre botânico alemão Fritz Müller, o padre antônio-carlense Raulino Reitz (1919-1990). De acordo com o pesquisador Carlos Eduardo Steiner, o sobrenome Reitz ou Reitt, se refere a uma família católica, oriunda de Hirshfeld, na Renânia-Palatinado (STEINER, 2019, p. 254). Hirshfeld é um município da Alemanha, localizado no distrito de Rhein-Hunsrück, Estado da Renânia-Palatinado, e pertence ao *Verbands-gemeinde* de Kirchberg. Ainda de acordo com Carlos Eduardo Steiner, há referências ou citações a Heinzerath, Bischofsdhron e Kirchberg, também na Renânia-Palatinado. (STEINER, 2019). Esta família embarcou na França, no Porto de Dunquerque ou Dunkirk, em outubro de 1846 e aportou no Rio de Janeiro em novembro do mesmo ano. Transportados no Vapor *Vênus*, a família chegou a Nossa Senhora do Desterro em 28 de dezembro de 1846, e foi instalada/colocada na Colônia Santa Isabel em janeiro de 1847. (STEINER, 2019). Então, neste apontamento realizado por Carlos Eduardo Steiner, a família Reitz ou Reitt, aporta em Desterro, e na sequência é instalada/colocada na Colônia Santa Isabel.

Observando que o pesquisador Carlos Eduardo Steiner se refere ao sobrenome Reitz, também com a grafia Reitt, na Coleção Ficker, citada pelo historiador Toni Jochem, constam os nomes dos colonos germânicos Mathias Reitt, com 38 anos de idade, e de sua mulher, Maria Theresia Reitt, com 29 anos de idade, que foram assentados na Colônia da Piedade, aos 2 de janeiro de 1847. A planta/mapa de 1850, vai citar um lote pertencente ao colono Mathias Reift, que, para nós, é Reitt, com possível equívoco de anotação da grafia do sobrenome, que eram extremantes de Mathias Ocker, Johann Wendling, Johan Mohr, e ainda de Gaspar Dirchas. Esta família Reitt ou Reift teria parentesco com os Reitz que se instalaram na Colônia Santa Isabel? Infelizmente, não encontramos registros que comprovem, e isto pode ter acontecido em decorrência da idade do casal, respectivamente 38 e 29 anos de idade, e de não haver registro da chegada de filhos com o casal.

Há, porém, na Colônia da Piedade um lote pertencente a um homem solteiro com sobrenome Reitz, como aquele grafado correspondente à família que se instalou na Colônia Santa Isabel. Johann Pedro Reitz consta como solteiro, com 42 anos de idade, da lista de emigrantes da Coleção Ficker, instalado/colocado na Armação da Piedade, tendo chegado a Nossa Senhora do Desterro a partir da Corveta *Bertioga*, em fevereiro de 1847. Em 1850, conforme a planta/mapa da Colônia Piedade, Johann Pedro Reitz, tem a concessão de um lote, vizinho Johann Pedro Endries/Endres, e de Conrad Knodt. Também, são seus vizinhos, Johann Klein, Johann Eraserith. Apesar do mesmo sobrenome Reitz constar dos registros de Johann Reitz, consultadas todas as fontes disponíveis, inclusive os registros de Joannes Reitz, natural de Hirschfeld, Hunsrück, na Renânia-Palatinado, em que se fala um dialeto ainda falado em Antônio Carlos/SC, o Hunsrück, os registros apontam para não haver uma correspondência de parentesco entre Johannes Reitz (1799-1890), ancestral do Padre Raulino Reitz, que viveu em São Pedro de Alcântara, com Johann Pedro Reitz, que viveu na Colônia Piedade.

A dúvida resta porque, de fato, há um Johann Reitz, filho de Phillipp Matthias Reitz e Anna Maria Katharina Friedrich, nascido aos 3 de julho de 1799, em Hirschfeld, Hunsrück, na Renânia-Palatinado, e que foi casado com Anna Maria Klein, ela filha de Jakob Klein e Maria Eva Kehl, nascida em 1 de outubro de 1801, em Hirschfeld, Hunsrück, na Renânia-Palatinado. Como o Johann Pedro Reitz, citado aqui, na Armação da Piedade, era vizinho de lote da família de Johann Klein, é possível que existisse entre essas famílias alguma relação de amizade e parentesco.

KLEIN/CLEM

Uma publicação de 1859, no jornal *“O Argos da Provincia de Santa Catharina”*, menciona o seguinte trecho:

Conhecem Vms. um alemão colono de nome Antonio Clem, que é morador na Fazenda da armação da Piedade e que tem uma olaria! Respondendo alguns de nós afirmativamente, disse-nos então: Pois ahi está o remedio almejado, com o qual sanão tantos embaraços, que Vms. apontão; podem com franqueza dirigirem-se ao dito alemão, porque ele desde que teve a notícia de ter-se criado essa nova Freguezia, tratou logo de aumentar a sua fabrica, porque, diz elle, que necessariamente hão de recorrer a elle, para arranjar esse homens, que Vms. dizem serão precizos; e dizendo-nos estas ultimas palavras, safou se sem mais cerimonia, deixando-nos a pensar sobre tal industria.⁵⁰

Este Antonio Clem, citado no periódico é o colono germânico Anton Klein, que na planta/mapa de 1850, consta como extremante da família Carpentier, bem como de Manoel Sebastian, Franz Steffens, além de Johann e Peter Pellenz. Em nossas pesquisas, apuramos que Antonio Clem ou Anton Clem, nascido em 1809, em Altstrimmig, Cochem-Zell, na Renânia-Palatinado, foi casado com Maria Anna Massmann, casados aos 17 de janeiro de 1835, em Mittelstrimmig, Zell, na antiga Prússia. Consta que Antonio/Anton faleceu aos 13 de maio de 1864, em São Pedro de Alcântara, prova que o casal abandonou a indústria mencionado no periódico do Argos⁵¹. De acordo com o citado na Coleção Ficker, citada por Toni Jochem, esta família consta da relação oficial da Galera Americana Ariosta, Brigue Sardo Eridano, que viajaram para Santa Catarina no Patacho Afonso Primeiro, em 2 de janeiro de 1847. São eles, o casal Anton/Antonio Klen, com 38 anos de idade e Maria Anna Klein, e os filhos, Johann Peter Klein, com 11 anos de idade, Susana Klein, com 6 anos de idade, Elisabeth Klein, com 3 anos de idade, e Maria Susana Klein, com 1 ano de idade. Nesta relação, consta que Jakob Klein, com 24 anos de idade, era um criado da família.

⁵⁰ O Argos da Provincia de Santa Catharina. Ano 1859\Edição 00441 (1). <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=233889&pesq=Piedade&hf=memoria.bn.br&pagfis=1546>>. Acesso em: 12 jan. 2022. Optamos por manter o relato conforme o acordo ortográfico em vigência em 1859.

⁵¹ As informações referentes a esta ramificação dos Klein pode ser obtida no seguinte endereço: <<https://www.familysearch.org/tree/person/details/LC8G-GST>>. Acesso em: 12 jan. 2022.

Outro lote pertencente à família Klein, em nome de Johann Reitz, faz extrema com o lote pertencente a Johan Eraserith, ao lote de Catharina Croft, ao lote de Johann Pedro Endries, e ao lote de Johann Pedro Reitz.

Considerações finais

Dos 150 colonos instalados na Colônia Piedade, conforme citam as obras de Myriam Ellis e Célia Maria e Silva, bem como os periódicos e falas oficiais dos presidentes de província de Santa Catarina, no século XIX, nós temos apenas as informações citadas. Fica, porém, comprovado que a ausência de uma política agrícola eficiente ou mesmo a substituição do modelo socioeconômico empregado na Colônia Piedade foi a razão para sua extinção com menos de uma década de existência. Também, não encontramos elementos comprobatórios que criem uma identidade entre as colônias da Piedade e Santa Isabel, muito embora, alguns sobrenomes tenham migrado buscando condições de existência/sobrevivência nesta região. Este artigo, porém, abre novas perspectivas a respeito da Armação da Piedade, e nos faz buscar mais subsídios para compreender o processo colonial em Santa Catarina.

Referências

- BLUTEAU, Rafael, C.R. **Vocabulário português e latino, áulico, anatômico, arquitetônico, bélico, botânico, brasílico, cômico, crítico, químico, dogmático, dialético, dendrológico, eclesiástico, etimológico, econômico, florífero, forense, frutífero**: autorizado com exemplos dos melhores escritores portugueses, e latinos. Coimbra: Colégio das Artes da Cia de Jesus, 1712-1728.
- BOITEUX, Henrique. **Os barriga-verdes**. Coleção Catariniana, 9. Florianópolis: IHGSC, 2006.
- BOND, Rosana. **A saga de Aleixo Garcia**: o descobridor do império Inca. Rio de Janeiro: Coedita, 2004.
- BRENUVIDA, William Wollinger. **Para além do crivo**: circulação de sentidos na prática de mulheres em Ganchos/SC. Porto Alegre: Vivilendo, 2020.
- CABRAL, Oswaldo R. **História de Santa Catarina**. Florianópolis: UFSC, 1968.
- COELHO, Manoel Joaquim de Almeida. **Obra completa**. Coleção Catariniana, 8. Florianópolis: IHGSC, 2005.
- COMERLATO, Fabiana. **Análise Espacial das Armações Catarinenses e suas Estruturas Remanescentes**: um estudo através da arqueologia histórica. 1998. Dissertação (Mestrado em História), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Pontifícia Católica do Rio Grande do Sul, 1998.
- ELLIS, Myriam. **A baleia no Brasil colonial**. São Paulo: Edições Melhoramentos/Editora da Universidade de São Paulo, 1969.
- FAGUNDES, Marcelo Gonzalez Brasil. **Pelas veredas do paraíso: Hans Staden e a expedição Sarnabria**. In: BRANCHER, Ana, AREND, Sílvia Maria Fávero (org.). **História de Santa Catarina**: séculos XVI a XIX. Florianópolis: Ed. UFSC, 2004.

JOCHEM, Toni. **A epopeia de uma imigração**: resgate histórico da imigração, fundação da Colônia Alemã Santa Isabel e emancipação político-administrativa do município de Rancho Queimado. Águas Mornas: Ed. do autor, 1997.

JOCHEM, Toni. **Nos percalços da história**: do Alto Biguaçu a Antônio Carlos. In: BECKHÄUSER, Adauto, et. al. Academia de Letras de Biguaçu: trajetória (antologia). Biguaçu: Academia de Letras de Biguaçu, 2008.

LAUS, Marinho. **A saga de Anna e Bernardo Laus**. Blumenau: Odorizzi, 2003.

PAIVA, Joaquim Gomes de Oliveira e. **Dicionário topográfico, histórico e estatístico da província de Santa Catarina**. Florianópolis: IHGSC, 2003.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, [1995], 2008.

SANTOS, Joaquim Gonçalves dos. **A freguesia de São Miguel da Terra Firme**: 1750-1894. Biguaçu: Edição do autor, 2019.

SILVA, Célia Maria e. **Ganchos/SC**: ascensão e decadência da pequena produção mercantil pesqueira. Florianópolis: Editora da UFSC, 1992.

SILVA, José Gonçalves dos Santos. **Subsídios para a história da província de Santa Catarina**. Coleção Catariniana, 10. Vol. II. Florianópolis: IHGSC, 2007.

STEINER, Carlos Eduardo. **Famílias pioneiras na colônia Santa Isabel**: 1847-1865. Campinas: Edição do autor, 2019.

Webgrafia

BRENUVIDA, William Wollinger. OCKER, Alex Ari. **Nós contamos sua história**: família Ocker. Projeto da Embaixada da Alemanha em Brasília. Publicado em 23 de abril de 2015. <<https://www.facebook.com/EmbaixadaAlemanha/posts/748036111962385/>>. Acesso em: 10 set. 2022.

GÜTTLER, Antonio Carlos. **A ocupação humana na Ilha de Santa Catarina**. <http://www.agro-rede.org.br/ceca/ILHASC.html>. Acesso em: 15 mai. 2017.

MEIER, Beat Richard. **Dois descobertas de documentos primários do século passado**: a respeito de várias colônias alemãs hoje meio esquecidas como “Santa Isabel”, “Piedade”, “São Pedro de Alcântara” e “Teresópolis”. 1990. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/download/47654>>. Acesso em: 10 set. 2022.

Memória política de Santa Catarina. Antero José Ferreira de Brito. Assembleia Legislativa de Santa Catarina. Disponível em: <https://memoriapolitica.alesc.sc.gov.br/biografia/1294-Antero_Jose_Ferreira_de_Brito>. Acesso em: 20 jan. 2023.

Núcleo de Estudos Açorianos da UFSC. Disponível em: <http://www.nea.ufsc.br/noticias.php?id=89>. Acesso em: 26 jan. 2008.

Outros

Arquivo da MITRA Diocesana de Florianópolis.

Arquivo do Estado de Santa Catarina.

Arquivo da Hemeroteca Nacional.

Arquivo da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

Arquivo Histórico de Joinville. Coleção Ficker.

Arquivos da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias por meio dos dados e informações em www.familysearch.org

Biblioteca do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (IHGSC).

Biblioteca do Instituto de Genealogia de Santa Catarina (INGESC).

BRENUVIDA, William Wollinger. **Acervo documental e fotográfico**. Gov. Celso Ramos/SC, 2023.

MEIER, Beat Richard. **Correio eletrônico [Colônia Piedade]**. 2023.

SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA, Pref. Mun. **Acervo fotográfico**. São Pedro de Alcântara/SC, 2023.

Como citar este artigo

BRENUVIDA, William Wollinger. **Correlação entre as Colônias Piedade e Santa Isabel**. Páginas da Colonização: Estudos/subsídios históricos sobre a Colônia Alemã Santa Isabel – 175 anos de Fundação, 2023. Disponível em: <http://tonijochem.com.br/artigos-paginas-da-colonizacao/>.